

Compre **CAFÉ CÂMARA**: O café de bom gosto.

O Cruzeiro pede licença para falar

Os inúmeros problemas despertam seus moradores, que criam associação para poder reivindicar

EDUARDO FRANKLIN

Mesmo fazendo parte do projeto original do Plano Piloto, e de terem iniciada sua construção em 1960, o Cruzeiro Novo, o Cruzeiro Velho, o recém-criado Setor Octogonal, são áreas ainda sem infra-estrutura urbana, que apresentam os mesmos problemas de abandono verificados nas cidades-satélites mais carentes, com a diferença de que seus moradores - cerca de 70 - não dispõem de uma Administração Regional a quem apelar, e reclamam da discriminação que sofrem, em relação ao acelerado desenvolvimento das Asas Sul e Norte e demais áreas do Plano Piloto.

O barro, a poeira, o matagal, a falta de um policiamento eficiente, a ausência de qualquer tipo de lazer, um transporte coletivo caro e deficiente são algumas das reclamações mais ouvidas entre os moradores. Equipamentos básicos de urbanização também sofrem críticas, como o fato das placas indicativas apontarem para o fundo das residências.

A discriminação desta área em comparação ao desenvolvimento verificado em outras regiões do Distrito Federal começa pelo nome: Setor de Residências Econômicas (Cruzeiro Velho), e Setor de Habitações Coletivas Econômicas (Cruzeiro Novo). A denominação "moradias econômicas" há muito deixou de ter sentido, em face da especulação imobiliária, que elevou os preços dos imóveis nesta área a valores bastante próximos das Asas Sul e Norte. Os moradores reclamam que apesar de pagarem impostos desde 1960, o grau de urbanização continua abaixo das necessidades básicas, agravado com o crescimento da população, em face dos vários empreendimentos imobiliários em andamento, voltados para aqueles antigos moradores das Asas Sul e Norte, expulsos pelos altos aluguéis.

Após muitos apelos não atendidos, os moradores resolveram se organizar e fundaram a Associação de Moradores do Cruzeiro, já registrada, e que pretende canalizar as reivindicações da comunidade para levar às autoridades, ou buscar soluções próprias. A única área de lazer existente deve-se ao incansável tra-

balho dos abnegados sócios da Associação Recreativa Unidos do Cruzeiro - ARUC, responsável pela maior e mais bem estruturada escola de samba do DF, cinco vezes campeã do carnaval candango, que promove ainda bailes, shows atividades desportivas (bicampeã de futebol de salão do DF) e culturais.

A área onde está localizada a ARUC, construída graças às contribuições voluntárias de seus associados, é destinada, originalmente, a um Clube de Unidade e Vizinhança, que jamais saiu do papel. O Governo do Distrito Federal tem planos para a construção de churrasqueiras, bosques e equipamentos esportivos, mas os moradores defendem a preservação da ARUC naquele terreno. Comenta-se, sem que haja nada de oficial, até o momento, que por estar próxima de zonas residenciais, a área não pode abrigar uma quadra de ensaios de escola de samba, em virtude do barulho. Por isso, a Associação de Moradores vem mantendo contato com alunos e professores de Arquitetura da UnB, com vistas à elaboração de um projeto acústico, capaz de absorver e evitar a propagação da batucada.

VELHO

O início da construção do Cruzeiro Velho data de 1959, quando foram erguidas inúmeras residências destinadas a funcionários públicos, que depois foram vendidas a seus ocupantes. Somente as casas do Exército ainda não foram vendidas, e por isso mesmo destoam das demais, que já sofreram reformas e melhoramentos de seus proprietários.

Uma casa reformada no Cruzeiro Velho pode custar até oito milhões de cruzeiros, em que pese o barro, a poeira e o matagal que circunda os conjuntos, e a falta de calçadas e áreas verdes. Em alguns trechos a água da chuva inunda as ruas, e pode-se ver lixo e restos de material de construção espalhados pelo cerrado.

Somente há dois meses os moradores dispõem de uma agência bancária, enquanto o abastecimento é feito apenas por uma Cobal, onde os preços são considerados altos, enquanto o supermercado da SAB, que funcionou

por quase 10 anos, foi fechado sem maiores explicações. O Cruzeiro Velho conta com três escolas, mas apenas duas estão em atividade, sendo apenas uma com curso de segundo grau. Como a escola de segundo grau do Cruzeiro Novo fechou há dois anos, os moradores dessa área agora lotam a escola do Cruzeiro Velho.

Na área de lazer é que surgem as maiores críticas ao governo, acusado de nada ter feito neste sentido nos últimos 22 anos. Muitos frequentam as serrestas e bailes noturnos do clube Pandiá Calógeras, no Setor Militar Urbano, obrigados a andar a pé quase dois quilômetros, no mato e na poeira, enfrentando os assaltos e quedas nos buracos. A ARUC é outra opção, mas seus frequentadores passam pelos mesmos problemas de terem que andar no escuro no meio do cerrado. Para ir à Água Mineral não existe uma linha de ônibus para isso, o jeito é apelar para a carona, o mesmo acontecendo com quem deseja ir ao Parque da Cidade, onde só tem ônibus no Cruzeiro Novo.

Quem mora no Cruzeiro Velho, Novo e Setor Octogonal, não conta com nenhum cinema, teatro, biblioteca pública, parque infantil, restaurante ou casas noturnas, tendo como única opção pegar um táxi ou um ônibus e ir para o Plano Piloto propriamente dito, ou até para uma cidade-satélite mais bem equipada. As opções de lazer no Cruzeiro só ocorrem pelo esforço

heróico de grupos amadores de teatro, cineclube e jovens ligados à Igreja, que conseguem organizar promoções artísticas e culturais em locais precários e de difícil acesso.

Com relação ao policiamento, os moradores reclamam que a delegacia local atende mais o pessoal de fora do que os habitantes do Cruzeiro, enquanto os pequenos assaltos realizados nos locais sem iluminação já não chegam ao conhecimento da polícia, que goza de um impressionante descrédito entre os moradores.

Mas as maiores queixas residem no transporte coletivo que atende aquela região. Sem qualquer consulta à comunidade foi simplesmente eliminada a linha do SMU que passava pelo Cruzeiro Velho, sendo criada uma que só conta com um ônibus, obrigando os usuários a permanecer até uma hora e meia esperando. Por ser considerado Plano Piloto, onde se imagina residem os brasileiros de maior renda, o preço das passagens no Cruzeiro é de 70 cruzeiros, o mesmo valor pago para se ir até Brazlândia, e que é quase o dobro do preço de quem anda no grande circular, com um percurso quatro vezes mais longo. Não existe uma ligação entre o Cruzeiro Velho e o Novo, e a área reservada para esta pista, os moradores temem que venha a ser tomada pela especulação imobiliária, como denunciam já ter ocorrido com inúmeras áreas verdes, onde haviam sido con-

struídos campos de futebol de areia pelos próprios moradores.

NOVO

"O governo só lembra do Cruzeiro Novo na hora de vender as áreas verdes para atender à especulação imobiliária". Esta constatação é de Mauro Martins, morador há 10 anos no Cruzeiro, e que faz parte da Associação dos Moradores. Ele aponta os terrenos das áreas frontais ao Setor de Indústria, onde existiam os campos de futebol e hoje estão erguidos os edifícios Saint Etienne II, Cabochard e outros ainda em início de construção. A falta de uma autonomia administrativa é colocada como causa das ordens e contra-ordens que criam transtornos aos moradores, sendo lembrado que os campos de futebol nas áreas verdes foram construídos com apoio do ex-governador Elmo Serejo, e destruídos com a anuência do recém-substituído Aimé Lamaison, responsável, no entanto, pelos poucos postes de iluminação no setor.

No Cruzeiro Novo, funciona o único posto de saúde da região, atendendo aos moradores do Cruzeiro Velho e Setor Octogonal, sendo que estes têm que andar bastante no barro para conseguir um ônibus que os leve à assistência médica. O Cruzeiro Novo enfrenta os mesmos problemas da falta de urbanização, sendo que no interior das quadras não existem calça-



Falta de infra-estrutura não impede novas construções

das e o mato favorece a atuação dos assaltantes, que atuam principalmente contra os estudantes e transeuntes que se dirigem para o Cruzeiro Velho e vice-versa, em meio à escuridão.

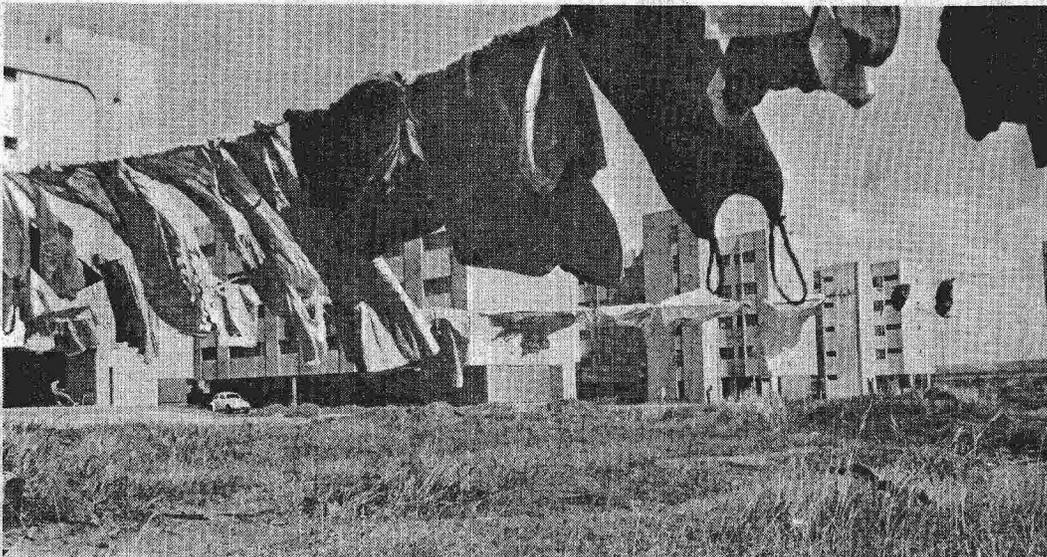
Nas quadras 600, os moradores reclamam da falta de policiamento, denunciando que pessoas estranhas ao conjunto fazem dali ponto de venda de drogas e de peças de veículos furta-dos. Os muitos blocos de funcionários não reformados, dão um aspecto de "malocas de concreto", no dizer da vizinhança, que reclama das roupas expostas nas janelas. Eles reivindicam uma linha de Transporte de Vizinhança, que hoje só atende ao Setor Militar Urbano e o Setor Octogonal, enquanto os moradores do Cruzeiro Velho e Novo têm que andar muito até a parada. No Cruzeiro Novo há quem denuncie a falta d'água como um problema crônico em algumas quadras, mas reconhecem que as escolas de primeiro grau atendem às necessidades, faltando apenas voltar a funcionar a escola pública de segundo grau, que só existe Cruzeiro Velho.

OCTOGONAL

Apesar de ser um setor recém-criado e bem localizado, o Octogonal já nasceu causando transtornos a seus moradores, com as

diversas fraudes cometidas pelas construtoras, que não atenderam às especificações do contrato, utilizando material de péssima qualidade, que até hoje estão sendo motivo de querelas judiciais. Pior situação os moradores enfrentaram quando foram morar no Setor, e constataram que os prédios são cercados por mato, poeira e restos de material de construção, proporcionando a proliferação de ratos, baratas e mosquitos.

Quem estuda à noite, na Asa Sul, tem que andar no meio do mato para pegar um ônibus, enfrentando os assaltantes. Não existe um só comércio estabelecido, havendo apenas alguns barracos no meio do cerrado, que vendem pão, leite e alguns enlatados, sem as mínimas condições de higiene. O asfalto é só no interior de algumas quadras, sem acesso às pistas principais que circundam o setor, obrigando os moradores a passarem de carro por "atalhos" no meio do mato. Há uma construção destinada à escola pública, mas até hoje não começou a funcionar. Uma moradora que não quis se identificar resumiu bem a situação dos moradores do Setor Octogonal: "vivemos numa ilha sem acesso a qualquer vizinhança e respiramos um ar tão poluído quanto as maiores metrópoles do mundo".



A urbanização ainda não chegou ao Cruzeiro Novo